

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



O leitor tem, por fim, à sua disposição, muito úteis índices: alfabético de manuscritos (pp. 305-314), de bibliotecas medievais (pp. 314-325) e de nomes de pessoas, lugares e assuntos (pp. 325-340).

Dos manuscritos existentes em Portugal apenas dois contêm fragmentos das *Adhortationes*: o de Lisboa, Bibl. Nac. 454 (séc. XIII) e o de Évora, Bibl. Públ. CXXXIX/1-12 (séc. XIV). Do conteúdo de ambos tivemos o prazer de dar a Batlle uma identificação pormenorizada. De estranhar que a opinião sobre o Livro III das *Vitae Patrum* (p. 10) se limite ao resumo dos dados tradicionais, pois Batlle não só cita uma comunicação nossa de 1966, ao Congresso de S. Frutuoso (pp. 4 e 10), como pessoalmente lhe enviámos, certamente antes de 1968, a conclusão a que nos levou o exame da transmissão manuscrita e de que demos notícia na nossa tese sobre Pas-cásio (cf. II tomo, pp. 167-253).

A obra do Dr. Columba Maria Batlle tem para nós tanta importância que precisaremos de meses de estudo e de confronto para anotar todos os elementos fornecidos em cerca de 500 manuscritos em ordem ao estudo dos Livros III e VII das *Vitae Patrum*. Por outro lado, como trabalhamos sobre microfímes dos códices por nós descritos, não só poderemos dilucidar dúvidas postas por Batlle como indicar-lhe novos manuscritos de que vamos tendo conhecimento.

O trabalho realizado pelo ilustre catalão passa a ser imprescindível para a apreciação dos problemas levantados (e agora resolvidos) pelos Livros V e VI. Quando houver oportunidade de lançar a edição crítica do texto (que continua a fazer falta e para a qual o Autor deste livro está bem preparado) os estudos de patrologia, de história e de literatura medieval ficarão a dever a C. M. Batlle mais um valioso instrumento de labor científico. Por quanto já foi feito, vivamente o felicitamos.

J. G. F.

H. D. F. KITTO, *A Tragédia Grega. Estudo Literário*. Tradução do inglês e Prefácio de Dr. José Manuel Coutinho e Castro... I Vol., pp. 1-336; II Vol., pp. 1-384. Coimbra, Arménio Amado — Editor, Suc., 1972.

Foi com prazer que vimos publicada, em tradução portuguesa, a *Greek Tragedy* de Kitto, por ser uma obra — como muito bem se reconhece no *Prefácio do Tradutor* (p. 5) — que interessa sobremaneira «a quantos em Portugal se dedicam ao assunto, desde profissionais do Teatro até aos estudantes e professores de Cultura Clássica, passando pelo público em geral empenhado em enriquecer os seus conhecimentos.» Louvamos a iniciativa e sabemos apreciar o enorme esforço que representou para Coutinho e Castro o meter ombros a uma tal empresa, porquanto não

apenas o assunto, como o próprio livro de Kitto estão longe de ser coisa fácil. Contudo, o Tradutor levou a cabo a façanha; e só lamentamos não poder dizer que a realizou com absoluto sucesso.

De facto — força é confessá-lo desde já —, ficámos deveras desapontado logo à leitura das primeiras páginas. É que, além de um estilo, de uma ortografia e de uma pontuação muito deficientes, os erros de tradução e de interpretação do inglês, os anglicismos e, por último, as faltas de revisão são em tão grande número, que nos deixaram antever que a tradução fora feita com demasiada precipitação e descuido. E se não, vejamos *apenas* alguns exemplos.

Quanto aos erros de tradução, podemos dividi-los em dois grupos: os graves; e os que dizem respeito à escolha menos feliz do vocábulo português.

Ao ocupar-se de *Os Persas*, Kitto cita o verso de Frínico, *Τάδ' ἔστυ Περσῶν τῶν πάλαι βεβηκότων*, que foi imitado, com ligeiras modificações, por Ésquilo logo no começo da tragédia: *Τάδε μὲν Περσῶν τῶν οἰχομένων*. A este propósito escreve (p. 34): «...a verse which, ..., Aeschylus uses for his opening, but substituting the ominous *οἰχομένων*.» Esta frase foi vertida para português do seguinte modo (p. 72, linhas. 15-17): «...verso... que Ésquilo usa para a sua abertura, mas *substituindo* o ominoso *οἰχομένων*.» (O sublinhado é nosso.) Ora, é evidente que uma tal tradução está errada, visto o verbo *to substitute* — a que podemos chamar um «falso amigo» — não poder ser traduzido, neste caso, por *substituir*. É que, quem ler a frase portuguesa fica com a ideia de que Ésquilo *substituiu* a forma *οἰχομένων* por outra qualquer que se não indica. E não é isso que está no original inglês. O que Kitto afirma é que Ésquilo *substituiu por οἰχομένων* a forma *βεβηκότων* do texto de Frínico.

Na p. 73 (linhas 14-15), lê-se a seguinte frase: «...que o poeta fosse *atraído* pelo naturalismo, por situações...» Ésquilo não foi *atraído* por nada! No texto inglês está *betrayed into* que significa «seduzido por; atraído para». Deste modo, a ideia contida em Kitto é de que o autor de *Os Persas* corria o risco de *propender para* «o naturalismo, para situações em que o tratamento realista fosse o único possível.»

Como exemplos de escolha menos feliz de equivalentes portugueses, indicaremos — entre dezenas e dezenas de outros — apenas os seguintes: na p. 56 (linha 24), depara-se-nos a expressão «vestido de cerimónia» («...um antepassado epónimo vestido de cerimónia para o palco») para traduzir o inglês *dressed up*: não seria melhor, no presente caso, dizer em português «vestido a rigor; vestido a preceito; ataviado» para o palco? Na p. 57 (linha 22) o inglês *tedious* é traduzido por «monótonas», quando se deveria dizer, neste contexto, «enfadonhas; fastidiosas», p. ex. A pp. 73 (linha 10), a expressão *Persian camp* foi incorrectamente traduzida por «campo Persa [*sic*]». Não queremos dizer que o português «campo» não possa significar «acampamento»; contudo, teria sido esta a melhor tradução para benefício do leitor. Ainda na mesma página, duas linhas mais abaixo, surge-nos um «rude-mente» a traduzir o inglês *roughly*, onde deveria estar, p. ex., uma expressão como «de uma maneira genérica». Na p. 101 (linha 11), fala-se de um «clarão crestado»: é evidente que *searing flash* quer dizer qualquer coisa como «clarão abrasador» e nunca «crestado» ...

Mas, no capítulo dos «falsos amigos» — aqueles vocábulos que pela sua semelhança com o português mais facilmente induzem em erro o tradutor incauto —

muito haveria a dizer. Assim, na p. 29 (linha 16), o Tradutor foi iludido pelo parentesco existente entre o inglês *to contemplate* e o português «contemplar». De facto, a frase *While the King stands motionless, contemplating the terrible alternatives* foi traduzida por «Enquanto o Rei permanece imóvel, contemplando [*sic*] a terrível alternativa [*sic*]». Ora, acontece que o Rei não *contemplava*, mas *meditava* ou *ponderava* as diversas alternativas (1).

A propósito deste último exemplo, impõe-se nos fazer uma referência à maneira, deveras enfadonha, com que ocorrem na tradução os gerúndios para traduzir os participios em *-ing*. Por toda a parte, encontramos casos como o acabado de citar. Não seria mais elegante dizer em português que «o Rei permanece imóvel, a meditar nas terríveis alternativas»? Ainda outros casos: «... e na chegada de um arauto do Egipto anunciando...» (p. 19, linhas 9-10); «...um eunuco, colocando assentos...» (p. 72, linha 10); etc., etc., etc.

Anglicismo evidente é o da seguinte frase (p. 47, linha 20): «... e Atena se senta em julgamento», onde «se senta em», em vez de «preside ao», reproduz o inglês *sits in* (2); é anglicismo (ou galicismo?) a tradução de *while* por «enquanto que», em vez de «ao passo que» (p. 75, linha 23; p. 106, linha 19; etc.); anglicismo é, também — além de erro de tradução —, o verter para português o inglês *actual* por «actual» (p. 117, linha 1).

A tradução incorrecta de *each* por «em que» deu origem, em português, a uma frase inconcebível: «... mas a nossa tarefa diz respeito às peças individuais em que cada uma é uma obra de arte, ..., em que cada uma obedece...» (p. 9, linhas 24-26). Na p. 20 (linha 9), o Tradutor escreveu «as Suplicantes», quando se trata de «o Suplicante» tomado em sentido genérico (no original: *the Zeus who protects the Suppliant*).

A pp. 11 da nossa edição inglesa, Kitto dá uma tradução muito abreviada dos vv. 455-458 de *As Suplicantes*. O Tradutor — sem que consigamos perceber porquê — manteve a versão inglesa destes versos no corpo do texto português, para, em seguida, os traduzir em rodapé como N.T. Mas não é isto o importante. De notar é que Kitto traduziu *ἔχω στρόφους ζώνας τε συλλαβὰς πέπλων* por *We have strings and cords for our robes*, o que originou a tradução desairosa «Temos cordas e cordões para as nossas túnicas» (p. 32, nota 2). Ora, tratando-se de vestuário feminino, quanto melhor — e mais fiel ao grego — não é a tradução de Ana Paula Sottomayor (*Ésquilo. As Suplicantes*. Coimbra, 1968, p. 60): «Tenho cintos e faixas para segurar os peplos»?

(1) Só mais dois exemplos, para não nos alongarmos demasiado: na p. 220 (linha 21) a tradução de *to relate* por «relatar» — em vez de «relacionar» — desfigura completamente o sentido da frase; e mais abaixo (linha 25), a tradução da expressão *his curtailment of the part of the Chorus* por «a sua redução de parte do Coro» leva o leitor a pensar que Kitto afirmou ter Sófocles reduzido o número de coreutas, o que não é verdade. De facto, o que está no original inglês é que Sófocles encurtou o «papel» (*part*) do Coro.

(2) Vd. *The Oxford Universal Dictionary Illustrated*, 3.^a ed., Oxford, 1970: no artigo sobre *judgement* diz-se: «*to sit in j.*: ... to preside as judge at a trial.»

Também o estilo do Tradutor deixa, por vezes, muito a desejar. Por exemplo: não nos parecer ser a melhor a ordem das palavras na frase «é difícil ver que mais Ésquilo poderia ter feito» (p. 18, linha 12); «apelaram a Zeus» (p. 24, linha 10) deverá ser substituído por «apelaram *para* Zeus»; «atabalhoadamente» (p. 97, linha 18) não será o melhor vocábulo para figurar num contexto em que se fala de um coro de tragédia. Na verdade, Kitto refere-se a um coro de raparigas que chega *pell-mell* «em desordem; em desalinho». Mas *atabalhoadamente*? Talvez sim, se se tratasse de um coro de comédia...

A frase da penúltima linha da p. 116 («Quanto às séries de *falas* que Prometeu faz ao coro...»), em que *faz* — em vez de *dirige* — é anglicismo nítido, leva-nos a apontar, neste momento, uma outra expressão incorrecta, demasiado frequente no texto português. É ela «pôr uma questão» para traduzir *to ask a question* (vd., p. ex., p. 76, linhas 29-30; etc.).

Outro defeito que podemos apontar à tradução portuguesa é o uso e abuso dos possessivos em casos em que eles são absolutamente desnecessários: «... e o escritor... faz bem em deixar este aspecto do *seu* assunto ao historiador...» (p. 8, linhas 13-14); «Diz [*sc.* Dânao] às *suas* filhas...» (p. 24, penúltima linha; vd., ainda p. 38, linhas 23-26); «Foram as [*i.e.*, as Danaídes] que mataram os *seus* maridos» (p. 45, última linha e p. 46, linha 1); «O actor enfrenta a crise e toma a *sua* decisão» (p. 64, linha 20); etc. É evidente que por detrás destes exemplos está o inglês com os seus *his*, etc., obrigatórios. Não obstante, há pelo menos um caso em que o inglês não pode ser taxado de culpa. É o que ocorre no *Prefácio do Tradutor* (p. 5, linha 7).

A, por assim dizer, ausência de conjuntivo em inglês ocasionou frases como estas: «..., não é fácil supor que esta peça *aparece* a meio caminho...» (p. 39, linha 2); «... mas não temos razão para supor que [o elemento lírico] *era* dramático...» (p. 55, linha 22-23; e na mesma p., linha 17, encontramos um *é* em vez de *seja*); «...não devemos julgar que qualquer pessoa *era* também um Frínico...» (p. 61, linhas 19-20). Todavia, num caso pelo menos, o Tradutor empregou uma forma de conjuntivo que de modo algum se justifica: «...é perfeitamente indiferente se o Espião e o Mensageiro *forem* uma e a mesma pessoa ou não» (p. 95, linhas 2-4).

Mal influenciado pela língua que traduziu, Coutinho e Castro nunca foi capaz, ao longo das setecentas e tantas páginas da obra, de nos dar uma concordância aceitável em todos os casos em que o sujeito da oração era o título de uma tragédia como *As Suplicantes* ou *Os Persas*, isto é, um plural. Deste facto, resultaram frases como as que a seguir apontamos e que a nossa sintaxe repudia: «...*As Suplicantes* é a obra mais antiga...» (p. 15, linha 2); «... e *As Suplicantes* *iria* situar-se...» (p. 16, linhas 10-11). É certo que, p. ex., no primeiro caso, o inglês emprega *is*; mas os nossos hábitos reclamam a 3.^a p. do pl. Sendo assim, o Tradutor só tinha dois caminhos a seguir: ou mudava a pessoa do verbo ou escrevia antes de cada título deste género a palavra «tragédia». Deste modo, teríamos frases escuras como «*As Suplicantes* são a obra...» ou «A tragédia *As Suplicantes* é a obra...» Concordâncias como as que acima exemplificámos, e que constantemente aparecem, isso é que não!

Outro tipo de concordância a rejeitar é a que ocorre na frase «*Prometeu* está incluída [*sic*]...» (p. 67, nota 1, linha 1). O que antes se disse é ainda válido para este caso: «A tragédia *Prometeu* está incluída...»

Sobre a ortografia e acentuação muito haveria a dizer. Citemos, somente, alguns exemplos, pois não nos compete, a nós, fazer a *Errata* da obra inteira:

<i>Pág.</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Leia-se</i>
41	23	irreconhecíveis,	irreconhecíveis
50	1	jóvem	jovem
67, n. 1	1	incluida	incluída
71	16	destruidos	destruídos
72	9	constituído	constituído
90	10	poderíamos	poderíamos
97	19	jóvens	jovens
117	23	minucia	minúcia
218	28	Ésquilo	Sófocles
223	14	Ájax	Ajax
»	»	disparait	disparaít
»	15	interêt	intérêt
»	16	êmotions	émotions
»	17	jusq'	jusqu'
»	»	»	»

Mas o que é realmente incomodativo para o leitor é o estendal de maiúsculas de que o texto está inçado. É esta uma outra influência nefasta do inglês sobre a ortografia do Tradutor. Sem a menor sombra de exagero, poderemos afirmar que o emprego não justificado de maiúsculas se conta por muitas centenas. Um só exemplo basta: na p. 86 (linhas 2-8), em sete linhas de tradução, há nada menos do que sete maiúsculas erradas: «...hoplitas *Atenienses* sob o comando de Aristides desembarcaram em Psitália e destruíram as forças militares *Persas* que lá tinham sido postadas: o poeta *Ateniense* suprime Aristides e não menciona que os hoplitas eram *Atenienses*, mas chama-lhes «Gregos» e transforma as «forças militares» *Persas* na fina flor [*sic*] do exército *Persa*...»

Da pontuação — nomeadamente da ausência de vírgula a seguir a *contudo*, *portanto*, etc., em início de período — poderemos dizer que é caótica. Por outro lado, não raro o sujeito aparece separado do predicado por uma incômoda vírgula. Mas não queremos dizer mais nada de casos que ocorrem, p. ex., a pp. 18, linha 23; 23, linha 19; 42, linha 21; 45, linha 10; 47, linha 19; 52, linha 16; 56, linha 23; 75, linha 5; 94, linha 27; etc., etc., etc.

A correcção das provas foi também muito deficiente, indício claro da precipitação com que foi realizado este trabalho. E assim é que a *Errata* que elaborámos é tão longa, que achamos por bem nem sequer lhe tocar! Diremos, apenas, uma palavra respeitante ao grego. Em geral, está correcto — *Deo gratias* —, o que é um caso muito raro em obras impressas em Portugal... Contudo, ainda escaparam algumas gralhas, de que são exemplo as seguintes:

<i>Pág.</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Leia-se</i>
12	7	τοῖς	τοῖς
28	3	Πέφρικα	Πέφρικα
104	10	ξείνος	ξείνος
222	19	ἐφυχεύσατο	ἐφυχεύσατο
238	26	αὐτῷ	αὐτῷ

Em não poucos casos, o erro já se encontra no original inglês, como p. ex.:

<i>Pág.</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Leia-se</i>
11	17	ἄμαρτία	ἀμαρτία
30	1	αἷμα	αἶμα
54	últ.	των	των
123	penúlt.	τω	τῷ
242	4	νομους	νόμους

Não queremos — nem podemos — alongar mais esta recensão. Por isso, limitámo-nos as nossas observações mais importantes *apenas* — note-se bem — à primeira centena de páginas do volume I. Quanto ao que fica pelas restantes seiscentas e tantas páginas, o leitor paciente terá de julgar por si.

CARLOS ALBERTO LOURO FONSECA

T. B. L. WEBSTER, **Greek Tragedy. Greece & Rome.** New Surveys in the Classics N.º 5. Oxford, at the Clarendon Press, 1971, 39 pp.

Neste opúsculo, Webster dá-nos uma visão, rápida e actualizada, dos principais problemas inerentes à tragédia grega, o mesmo será dizer, aos três maiores poetas trágicos gregos. Obra de leitura acessível e agradável, vem trazer algumas achegas curiosas, baseadas nas mais recentes descobertas de fragmentos em papiros, ao muito que já se tem dito sobre o assunto, justificando, deste modo, a sua inclusão numa série que se intitula «New Surveys» sobre os Clássicos.

Numa curta introdução (pp. 1-6), Webster ocupa-se das origens da tragédia, do edifício do teatro e de seus mecanismos de cena (*ἐκκύκλημα* e *μηχανή*), da *σκηνή* e do aumento gradual das suas portas, do alteamento progressivo do palco, da música e da métrica da tragédia.

Ao referir-se, muito de passagem, à música como um dos «components of Greek drama», afirma o A. que «no fifth-century music survives, and fragments of later music throw no light on an art which we know was changing very fast in the fifth century» (pp. 4-5). Uma afirmação tão categórica sobre a nossa ignorância de um elemento tão importante do drama grego é apoiada pelo que o A. diz em a nota 3 da p. 4: «Duvido muito que o papiro do *Orestes* (...) contenha a música original de Eurípides; os papiros musicais afiguram-se-me partituras de virtuosos tardios que compunham a sua própria música.»

No capítulo a respeito de Ésquilo (pp. 7-18), Webster trata, em primeiro lugar, dos fragmentos das peças perdidas, nomeadamente da *Niobe*. E o que diz desta tragédia é, afinal, o que já se encontrava em A. Lesky (*A History of Greek Literature*. Trad. ingl. New York, Thomas Y. Crowell Company, s.d., p. 265): que as duas dezenas de versos da *Niobe*, apesar de lacunas graves, nos mostram uma das carac-